Ciborgues ou gatos de apartamento: uma introdução ao transumanismo e suas promessas[1]

Luiza QUENTAL[2]
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O interesse desse ensaio é produzir uma reflexão a respeito do transumanismo enquanto modelo de pensamento, narrativa tecnológica hegemônica e projeto de futuro baseado numa ética de otimização e aprimoramento através da tecnologia. Utilizando como ponto de partida uma fala do empresário Elon Musk numa conferência de tecnologia em que declarou que humanos deveriam entrar em fusão com as máquinas para manter-se relevantes, o texto explora as promessas tecnológicas do transumanismo, situando-o filosófica e historicamente para melhor entender sua estrutura e projeto.

PALAVRAS-CHAVE: transumanismo; humanismo; ciborgue; pós-humanismo; futurismo.

TEXTO DO TRABALHO

Na Code Conference de 2016, o Elon Musk, CEO da SpaceX, Tesla e Neuralink, disse que, frente à inevitável marcha em rumo à superinteligência artificial, se não nos tornarmos ciborgues, aumentando nossas capacidades cognitivas artificialmente, nos transformaremos em gatos de apartamento.[3] Além do tom polêmico que é característico de Musk, a declaração chama atenção por duas razões imediatas: 1) as (únicas e aparentemente excludentes) alternativas dadas: híbrido maquínico ou animal doméstico; e 2) a crença na inevitabilidade dessa escolha existencial, e, poderíamos inferir, um

1 Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagem e Imaginários, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Mestranda do programa de pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM-UFRJ), e-mail: quentalluiza@gmail.com

3 Elon Musk, inclusive está trabalhando para que isto aconteça da prática. Uma de suas empresas, a Neuralink, está desenvolvendo interfaces cérebro-máquina que conectariam mentes humanas à internet ou outras máquinas, para atingir, ultimamente, segundo Musk numa entrevista concedida ao New York Times, uma "simbiose com a inteligência artificial" (2019).

imperativo moral de uma determinada escolha como um tipo de Destino. Destrinchemos esses pontos.

A maior parte do pensamento contemporâneo sobre o cérebro e o comportamento humano pode ser destilado em duas metáforas fundamentais: a metáfora tecnológica (humanos são máquinas) e a metáfora evolucionária (humanos são animais) (DAUGMAN, 2001, p. 26). Se herdamos a animalidade e criamos a máquina, nossa escolha pela máquina como metáfora vigente para descrever-nos a nós mesmos diz muito sobre como queremos nos entender e o que queremos superar no presente. A renúncia contemporânea da ótica sobre seres humanos como "animais influenciáveis" (SLOTERDIJK, 2000, p.17), marca do humanismo, e a escolha pela máquina (programável) revelam em nós certo desconforto, e talvez certa arrogância, sobre nossa condição biológica (e portanto, mortal) e um desejo de transcendência de tal condição em favor de um novo ideal maquínico, inventado por nós.

O biólogo François Jacob nos explica que a evolução, diferente da engenharia, "fica aquém da perfeição, como repetiu continuamente Darwin, que visava combater o argumento da criação perfeita." (1981, p. 70).

> Se quisermos lançar mão de uma comparação, deverá afirmar-se que a seleção natural atua, não à maneira dum engenheiro, mas dum engenhoqueiro (bricoleur); um engenhoqueiro que ainda não sabe o que vai fazer, mas que recupera tudo o que lhe vem às mãos, os objetos mais heteróclitos, pedaços de cordel, bocados de madeira, papelões velhos, tudo o que eventualmente possa lhe fornecer materiais…Os materiais de que dispõe não têm finalidade precisa. Cada um deles pode servir para mais de um fim. Nada mais têm em comum do que o fato de uma pessoa poder lhes dizer "isto pode sempre ser útil" Para que? Depende das circunstâncias. O processo da evolução parece-me em muitíssimos aspectos com esta maneira de agir (1981, pp.71-72).

Dessa forma, a seleção natural faz de nós, e de todos os seres vivos, acumuladores biológicos, cheios de 'pedaços de anatomia inútil' de funções mais antigas ou resultadas de mutações aleatórias. Estamos sempre apenas fazendo o melhor que podemos com o (muito) que temos, fabricando pulmões com pedaço de esófago, que, Jacob nos lembra, "é muito semelhante a fazer uma saia com uma cortina da nossa avó" (1981, p.74).

Em contrapartida, quando se pensa no código computacional perfeito, certamente não é essa bagunça biológica, essa vida de segunda mão, sobre a qual se pensa, mas na elegância do código mais simples, direto e otimizado possível. O "Zen do Python", código de boas práticas da linguagem de programação Python, reflete bem essa estética otimizada: "Belo é melhor que feio. Explícito é melhor que implícito. Simples é melhor que complexo. Complexo é melhor que complicado" (PETERS, 2014). É fácil notar uma certa incompatibilidade entre essa estética ordenada da tecnologia e a acumulação desordenada da seleção natural, a figura do engenheiro e do engenhoqueiro, o que traz consigo algumas dificuldades a respeito da otimização do ser humano através da tecnologia. Jan Vijg, geneticista norte-americano, resumiu bem esse conflito numa entrevista à revista *New Yorker*: "Criar um humano não é tão fácil quanto criar uma I.A., porque somos projetados de forma tão confusa e *não inteligente* por mudanças aleatórias feitas pela seleção natural"[4] (FRIEND, 2017). Ainda assim, o projeto continua, e cabe a nós pensar: se é com essa estética higienizada que se pretende reconstruir o mundo, que tipo de mundo emergiria, quais seriam seus valores, e iriamos querer viver nele?

Quando se pensa em aprimorar o ser humano através da tecnologia, há que se lembrar, que esse aprimoramento seguirá um padrão inventado por nós (ao menos num primeiro momento), e que será, portanto, limitado por aquilo que podemos imaginar. Isso acontece porque todo conhecimento científico nasce de uma delimitação humana do campo do possível. Jacob, de novo, nos explica:

> Mítica ou científica, a representação do mundo que o homem constrói tem sempre grande parte da sua imaginação. Porque, a pesquisa científica, contrariamente ao que muitas vezes se julga, não consiste em observar ou acumular dados experimentais para deles deduzir uma teoria. Pode perfeitamente examinar-se um objeto durante anos sem daí tirar jamais a menor observação de interesse científico. Para se obter uma observação com algum valor, é preciso, ter já, à partida, uma certa ideia do que há a observar. **É preciso já ter decidido o que é possível**[5] (1981, p.28).

[4] Tradução da autora.

[5] Grifo da autora.

Há sempre um quadro conscientemente traçado numa investigação científica por meio de escolhas e hipóteses, o que se acredita ser possível, e, ainda, muitas vezes, o que se quer provar possível. A arena científica, embora frequentemente vista como campo de pensamento objetivo e imparcial, é feita de escolhas, e pelo tamanho de suas consequências, essas escolhas são políticas. Quando se decide financiar determinada pesquisa científica em detrimento de outra, escolhe-se um mundo. Embora a imaginação humana (e as escolhas humanas que dela se seguem) possa parecer um limite bastante amplo, vale lembrar as sábias palavras do geneticista J. B. S. Haldane, "A vida não é apenas mais estranha do que imaginamos, é mais estranha do que somos capazes de imaginar" (SAPOLSKY, 1997, p.220). Haldane está se referindo, por um lado, à nossa histórica arrogância nessas escolhas, mas está aludindo também à ideia de limites humanos em relação ao conhecimento, à ideia do conhecer ser condicionado e modelado pelo próprio conhecedor. No campo da biologia, os primeiros a propor essa ideia foram os biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela. Para eles, o processo de cognição não se trata de uma representação fiel do mundo, mas uma contínua geração e criação de mundo através do processo de interação com o mundo externo, através da vida em si.

> Essa circularidade, essa conexão entre ação e experiência, essa inseparabilidade entre uma particular forma de ser e como o mundo se apresenta para nós, nos diz que todo ato de conhecer traz à tona um mundo… Tudo isso pode ser sumarizado no aforismo *Todo fazer é saber, e todo saber é fazer* (Maturana, Varela, 1992. p.26).

A teoria cognitiva da vida proposta por Maturana e Varela, a *autopoiese*, também conhecida como "biologia do conhecer", se propõe a descrever o mundo vivo não a partir de uma série de características materiais, mas de sua organização e estrutura. Assim, eles caracterizam o ser vivo como uma *máquina autopoiética determinada estruturalmente*, o que quer dizer que há uma forma determinada pela biologia do conhecedor de interação com o ambiente externo, mas que a interação com este ambiente é o mecanismo de autopoiese, de auto-criação, do próprio organismo. Trata-se portanto de uma teoria cibernética da biologia. Essas ideias surgiram pela primeira vez num importante artigo científico de 1959 entitulado "O que o olho do sapo

diz ao cérebro do sapo"[6]. O artigo, co-escrito por Maturana e outros autores conectados com as Conferências Macy[7], encontrou que um sapo só percebe como comida objetos que estão em movimento, e este morrerá de fome mesmo que rodeado de comida se a mesma não se mover. Essa descoberta mostrou que a percepção de mundo do sapo é determinada pela sua biologia, que a apreensão do mundo do sapo é modelada pelo próprio sapo enquanto conhecedor desse mundo.

Trata-se de um deslocamento relevante, porque põe em questão conceitos caros à ciência moderna, como realidade, ilusão e objetividade. É um ponto de vista que ressalta a parcialidade da perspectiva que o conhecedor têm em relação ao conhecimento, que enfoca os nossos pontos cegos, e que nos lembra que todo conhecimento é situado na biologia do conhecedor, e, indo além, como nos mostra Donna Haraway com o conceito de *situated knowledge* (saberes situados ou localizados), na cultura do conhecedor, também. Todo conhecimento é marcado pelo conhecedor, tem endereço e data, está situado num contexto biológico, cultural e histórico que não pode nem deve ser lido como universal ou central. Seguindo essa linha de pensamento, o centro é móvel. O contexto no qual o conhecimento é produzido, torna-se, assim, inseparável do próprio conhecimento gerado. Este, portanto, não pode simplesmente ser abstraído, exportado e aplicado a qualquer contexto.

É curioso notar, então, que apesar da desconfiança no biológico exposta pela fala de Elon Musk, esta não se dá por saber da parcialidade da nossa experiência biológica, mas parece, ao contrário, apontar para uma dose não pequena de excepcionalismo humano e antropocentrismo. Para contextualizar essas acusações, é prudente retomar a história do humanismo. Em seu livro *Regras para o parque humano,* o filósofo Peter Sloterdijk apresenta o humanismo como sendo intimamente entrelaçado com a alfabetização; tanto pela literal capacidade de representar simbolicamente através da

[6] Tradução da autora, original em inglês é "What the Frog's Eye tells The Frog's Brain."

[7] As Conferências Macy foram uma série de conferências que aconteceram em Nova York entre 1941 e 1960 que tinham como objetivo trazer unidade à ciência ao promover comunicação entre diferentes disciplinas científicas. Embora sejam mais conhecidas pelas conferências que levaram à fundação do que hoje chamamos de cibernética (1946-1953), as Macy Conferences abordaram assuntos variados e também resultaram na emergência do campo da ciência cognitiva. Dos autores do artigo sobre o processo de cognição do sapo, apenas Jerome Lettvin não teve envolvimento nas conferências. Os outros, Humberto Maturana, Warren S. McCulloch e W. H. Pitts participaram ou tiveram algum tipo de envolvimento.

linguagem escrita, de ordenar o mundo pela palavra, mas, também, da possibilidade de dar sentido à existência, e dessa forma, governar não só o mundo, mas a si próprio. Seguindo essa linha, o humanismo toma como missão o desenbrutecimento do ser humano a partir dessas narrativas que ordenam sentido— "sua tese latente é: as boas leituras conduzem à domesticação." A sua ambição última parece ser de controle e escolha— controle e escolha sobre a própria natureza, afastando as "influências desinibidoras" em favor de "influências inibidoras", que domesticam e apaziguam o ser humano, tornando-o, em tese, mais fácil de prever e controlar. A tradição disciplinar das sociedades modernas funciona(va) a partir dessa chave da domesticação e faz parte de uma longa história da 'hominização', a começar pela adoção de hábitos sedentários e culminando, segundo Sloterdijk, na "revolução antropogentética" (2000, p.33).

Vale ressaltar também, já que nosso destino pode ser o de nos transformarmos em gatos de apartamento, que a domesticação dos animais é central ao projeto humanista.

> Os historiadores da cultura deixaram evidente que, simultaneamente à adoção de hábitos sedentários, a relação entre os homens e animais em seu todo adquiriu marcas completamente novas. Com a domesticação do ser humano pela casa começa, ao mesmo tempo, a epopéia dos animais domésticos. Ligá-los às casas dos homens não envolve, porém, apenas domesticação, mas também adestramento e criação (SLOTERDIJK, 2000, p. 36).

O medo dos avanços da inteligência artificial exibido na fala de Musk, portanto, diz respeito a não querer estar do outro lado da equação da dominação que caracteriza o modelo de pensamento humanista. Trata-se do medo de tornar-se para as máquinas o que os animais domésticos são para nós hoje.

Sloterdijk cita uma cena de *Assim Falou Zaratustra* de Nietzsche sob o título "Da virtude apequenadora" em que Zaratustra lamenta pelos homens, que ficaram pequenos ao domesticarem-se, resultando numa divisão entre eles: "Alguns deles querem; quanto à maioria, porém, outros querem por eles" (SLOTERDIJK, 2000, p. 40). A leitura automática ou primeira da passagem de *Zaratustra* em que os homens ficaram pequenos é metafórica: é o espírito que ficou menor, a coragem, a diversidade. Mas, para Sloterdijk, Nietzsche capta em *Zarathustra* uma luta a ser travada não só na

cultura mas também na biologia. Não se trata mais, em nossa época, apenas de boas leituras moldando bons cidadãos (ou bons trabalhadores, consumidores, geradores de dados, etc), mas de uma literal seleção genética desses novos bons cidadãos (trabalhadores, consumidores, geradores de dados, etc), como fizemos durante gerações e gerações com os animais domésticos[8]. Quando, portanto, pensamos nas alternativas dadas por Musk— gatos de apartamento ou ciborgues— estamos falando da divisão assinalada por Nietzsche, mas agora de forma mais acentuada, mais radical. Não se tratará mais de uma divisão apenas entre os que querem e os que outros querem por eles, uma divisão apenas de grau, mas de uma divisão de espécie. Assim, a fala de Elon Musk nos põe de forma material uma questão posta desde Platão sobre a governo de seres humanos. Sloterdijk escreve:

> No que concerne agora ao jardim zoológico platônico e suas novas instalações, trata-se acima de tudo de **verificar se entre a população e a administração existe uma diferença apenas de grau, ou uma diferença de espécie.**[9] Na primeira hipótese, a distância entre os guardiães de homens e seus protegidos seria só acidental e pragmática, e poder-se-ia então adjudicar ao rebanho a faculdade de eleger periodicamente seus pastores. Se existir, porém uma diferença de espécie entre dirigentes e simples moradores do zoológico, então eles seriam tão fundamentalmente distintos uns dos outros que não seria aconselhável que a administração fosse eleita, mas sim que se baseasse na sabedoria. Só os falsos diretores de zoológico, os pseudo-estadistas e os sofistas políticos fariam campanha argumentando que são do mesmo tipo que o rebanho, ao passo que o verdadeiro criador se apoiaria na diferença e daria a entender discretamente que ele, porque age com base na sabedoria, está mais próximo dos deuses que os confusos seres vivos de que toma conta. O perigoso interesse de Platão por temas arriscados atinge o ponto cego de todas as pedagogias e políticas da alta cultura— a presente desigualdade dos seres humanos quanto ao conhecimento que gera poder. Sob a forma lógica de um grotesco exercício de definição, o diálogo de *O Político* desenvolve os preâmbulos de uma antropotécnica política; trata-se ali não apenas da condução domesticadora de rebanhos já por si só dóceis, mas de uma neocriação sistemática de exemplares humanos mais próximos de protótipos ideais (2000, pp. 49-50).

O que se materializa na questão do medo que envolve a inteligência artificial não é apenas, portanto, a explicitação dessa dinâmica de dominação num modelo em que não somos mais os dominadores e em que nem mesmo compartilhamos a mesma

[8] Para ter uma perspectiva possível do impacto da domesticação de animais por humanos, em 2015 um estudo encontrou que a domesticação de cães ao longo de milhares anos resultou em uma série de problemas genéticos. https://www.pnas.org/content/113/1/152

[9] Grifo da autora.

espécie dos novos dominadores tecnológicos, mas uma questão propriamente política sobre o direcionamento e a criação de novos seres humanos (ou quem sabe transumanos) e como governá-los. Tornar-se ciborgue é a solução que Musk dá para o temor de que a tecnologia saia tanto do nosso controle que passará a querer por nós e governar por nós. É a solução, mantendo-se dentro do modelo de pensamento humanista, para não passar de dominador para dominado, para não perder o posto de sujeito histórico para as próprias invenções.

Porém, a começar pela carta célebre escrita por Heidegger em 1946 sobre o humanismo, começam a aparecer críticas a esse modelo de pensamento. Num contexto Pós-Segunda Guerra, ele nos pergunta: "Para que exaltar novamente o ser humano e seu autorretrato filosófico padrão como solução no humanismo, se a catástrofe do presente acaba de mostrar que o problema é o próprio ser humano, com seus sistemas metafísicos de auto-elevação e de auto-explicação?" (SLOTERDIJK, 2000, p.23). A centralidade do ser humano fracassou em prevenir a brutalidade e a crueldade generalizada, e Heidegger propõe, assim, um modelo em que o ser humano, asceticamente, renuncia o centro, assumindo uma posição de cuidador, dando luz a uma nova sociedade reflexiva. "Essa seria uma sociedade de homens que afastariam o homem do centro porque teriam compreendido que só existem como "vizinhos do Ser"—não como obstinados proprietários de imóvel ou como inquilinos vitalícios de aposentos mobiliados" (SLOTERDIJK, 2000, p.30). Há, a partir desse gesto de Heidegger, portanto, um legado filosófico e crítico de um pensamento que descentra o ser humano, mostrando que o quadro apresentado pelo humanismo e, como veremos, pelo transumanismo, não é o único possível e não precisamos nos render à escolha binária (ao menos no domínio do pensamento) entre sermos ciborgues ou gatos de apartamento.

Embora possa se argumentar que a abordagem de Heidegger ainda esboça alguns rastros de excepcionalismo por dar uma posição de um tanto especial de "cuidador" ao ser humano, seu texto inaugura um importante deslocamento espacial e uma postura mais crítica em relação ao humanismo, que Sloterdijk denomina de pós-humano no sentido de que marca uma ruptura com o antropocentrismo do Humanismo, embora conserve ainda outras características do pensamento. A fala do Elon Musk, no

entanto, não é crítica ao antropocentrismo ou ao excepcionalismo humano, e parece, como vimos, ser uma continuação dessas ideias. Por essa aparente continuidade e pela renúncia do biológico, podemos localizar o pensamento do empresário como fazendo parte do imaginário transumanista. Entremos mais a fundo.

O termo 'transumanismo' foi usado como título de um capítulo de *New Bottles for New Wine*, livro de 1957 de Julian Huxley, biólogo evolucionário, eugenista, e irmão do célebre escritor de ficção científica Aldous Huxley, que combina a ideia de evolução com um dever e destino do ser humano em direcioná-la. Ele escreve:

> Como resultado de milhares de milhões de anos de evolução, o universo está se tornando consciente de si, capaz de entender algo de sua história e futuro possível. Essa autoconsciência cósmica está sendo realizada em um pequeno fragmento do universo— em alguns de nós humanos… Um vasto Novo Mundo de possibilidades inexploradas espera seu Colombo[10] (Huxley, 1957, pp. 13-15).

A visão de Huxley é de um "humanismo evolucionário", em que os seres humanos foram atarefados, e através da ciência empoderados, com a responsabilidade e o destino de serem "agentes para o resto do mundo." É notável também que ele use as imagens de Cristóvão Colombo e um Novo Mundo a ser explorado, e, embora sem dizê-lo, sabemos: em seguida colonizado, ocupado. O transumanismo tem, assim, na sua fundação, o colonialismo.

A ideia do universo tornando-se consciente de si também é central na mítica transumanista contemporânea e é ecoada em várias outras obras transumanistas, as mais importante das quais são os livros do inventor e futurista Ray Kurzweil, em especial os clássicos *The age of spiritual machines* (1999) e *The singularity is near* (2005). Neste último, Kuzweil divide a história em seis épocas, a sexta e última chama-se "o universo acorda", que ele descreve como "o Destino Inteligente do Cosmos" (2005, p.105). A etapa que antecede esta tomada de consciência do universo de acordo com Kurzweil é a Singularidade, o momento em que a inteligência artificial ultrapassa a inteligência humana, resultando na fusão de humanos e máquinas inteligentes: a partir daí o ser humano é transformado em outra coisa inteiramente. Huxley, contudo, ainda humanista, não prevê que os humanos deixarão de ser humanos, como faz o transumanismo

[10] Tradução da autora.

contemporâneo, mas claramente prepara o terreno de ideias para o que começa a tomar forma nos anos a seguir.

Na década de 1980, Max More, nome central ao transumanismo contemporâneo, tipificou os "princípios da extropia"[11], princípios para o aprimoramento contínuo da condição humana. A palavra 'extropia' é usada como antônimo de entropia, e diz respeito ao uso da agência humana para contra-atuar, retardar e até mesmo reverter os efeitos da entropia. Já nesse momento do movimento, trata-se de uma luta contra a entropia, da chamada "guerra entre a ordem e a desordem" (HIDALGO, 2015). More foi responsável por tornar as ideias transumanistas mais acessíveis: ele começou a revista *Extropy: Vaccine for future thought* em 1988 (que depois tornou-se *Extropy: Journal of Transumanist thought*), que eventualmente migrou para a internet. Ele também começou o Extropy Institute, que embora não esteja ativo atualmente, funcionou como um lugar de debate de ideias transumanistas.

Em 1998, Nick Bostrom e David Pearce fundaram a World Transhumanist Association, hoje H+, que foi acompanhada pela Declaração Transumanista (TIROSH-SAMUELSON, 2011, p.11). Há também conferências internacionais envolvendo a temática que acontecem regularmente desde 1998 que reúnem ideólogos transumanistas, cientistas, investidores e figuras políticas.

É importante ressaltar que o transumanismo não é um movimento perfeitamente homogêneo, mas composto por diversas vertentes.[12] O que elas têm em comum, no entanto, é uma ética ligada ao aprimoramento e otimização do ser humano e uma crença na ciência e na tecnologia como as chaves dessa otimização (FERRANDO, 2019, p.31). Segundo o site do *Humanity+*, organização internacional transumanista dedicada a "elevar a condição humana", o transumanismo no contemporâneo diz respeito a "uma

[11] Os princípios da extropia sofreram algumas mudanças desde a primeira versão destes. Os princípios originais são de 1990. Eles foram atualizados em 1992 (2.0), 1993 (2.5), 1998 (3.0), 2003 (3.11), e em 2010 foi lançado o Manifesto da Extropia, cujos valores são: "eXtensão infinita; transcendência de restrições; superação da propriedade; inteligência; e máquinas inteligentes."

[12] Os exemplos citados por Ferrando são: Transhumanismo Libertário, que enfatiza na liberdade individual para guiar transformações morfológicas do corpo através da tecnologia, o Transumanismo Democrático, que estressa a necessidade de tornar as tecnologias propostas amplamente disponíveis para não acentuar a desigualdade social e para que não seja usada de forma autoritária por um Estado, Extropianismo, que diz respeito à vertente iniciada por Max More que quer reverter a entropia, e Singularitarismo, mais identificado principalmente com Kurzweil e seus 'seguidores', que centra na crença na Singularidade, uma explosão de inteligência, momento em que a tecnologia ultrapassará as capacidades humanas e resultará numa fusão do humano e a máquina.

classe de filosofias da vida que busca a continuação e aceleração da evolução da vida inteligente além de sua forma humana atual e limitações humanas através da ciência e tecnologia, guiado por princípios e valores que promovem a vida" (MORE, 1990).

Apoiando-se numa ética de aceleração do desenvolvimento de novas tecnologias e a convergência de tecnologias novas e já existentes, em especial a biotecnologia, nanotecnologia e inteligência artificial, o transumanismo não é apenas um ideário utópico tecno-otimista, mas um programa e um projeto com amplo financiamento e legitimado por instituições científicas como a National Science Foundation. Mais que um ideário, o transumanismo é uma práxis. Os tecno-entusiastas que promovem essa visão transumanista, quer se auto-denominem transumanistas ou não, "têm controle considerável sobre decisões de como gastar recursos financeiros, e essa é uma das razões pelas quais os transumanistas chamam seus críticos de "bio-Luditas" ou "bioconservadores[13]" (TIROSH-SAMUELSON, 2011, p.11). Trata-se, portanto, de um conflito (entre transumanistas e seus críticos) que tem como palco tanto uma visão da e para a humanidade como a implantação real do mundo que se quer através de financiamento de pesquisas tecnológicas e, mais recentemente, partidos políticos.[14]

Filosoficamente, as raízes do transumanismo se encontram no Iluminismo. Segundo a filósofa Francesca Ferrando, "[a] aspiração ao progresso e racionalidade no centro dos ideais iluministas ainda é abraçada pelo transumanismo, que se localiza dentro da tradição humanista. O Humanismo não é apenas reafirmado, mas radicalizado" (2019, p.33). Desta forma, Ferrando defende que o transumanismo não seria um pós-humanismo, mas sim um ultra-humanismo, porque não há ruptura, mas continuidade com as ideias e as estruturas de pensamento humanistas. O que se quer superar com o transumanismo não é o humanismo, mas o humano, promovendo a "aplicação direta de medicina e tecnologia para superar alguns dos nossos limites

[13] Hermínio Martins elenca ainda: "bioconservadores, neocon bioconservadores, especistas, chauvinistas da carne, chauvinistas de substrato, primitivistas, bioludistas, neo-Ludistas, inimigos da razão, inimigos da ciência, technofóbicos, antropocentristas, humanistas (um termo pejorativo nesses círculos, assim como Althusserianos, Heidegerianos, e alguns ambientalistas) ou 'humanistas' sem prefixo, fundamentalistas do corpo, etc, etc." (2018).

[14] Em 2016, Zoltan Istvan concorreu a presidente dos Estados Unidos através do Partido Transumanista para popularizar o transumanismo. Ele também concorreu contra o Donald Trump pela nomeação republicana em 2020, provavelmente pela mesma razão. Partidos transumanistas também existem na Alemanha, França, Reino Unido, Austria, Índia, Coréia do Sul, Canadá, Polônia, Sérvia e Rússia.

biológicos básicos" (BOSTROM, 2005). Como Huxley, Nick Bostrom, um dos principais pensadores transumanistas e diretor do Future of Humanity Institute na Universidade de Oxford, vê o transumanismo como um "humanismo evolucionário", mas, diferente de Huxley, não vê esse humanismo como motivo para limitar o transumanismo. Ele escreve:

> [...] criar a oportunidade de viver uma vida muito mais longa e saudável, para melhorar a nossa memória e outras faculdades intelectuais, para refinar as nossas experiências emocionais e aumentar a nossa sensação subjetiva de bem-estar, e para alcançar um grau maior de controle sobre nossas próprias vidas de uma maneira geral. Essa afirmação do potencial humano é oferecida como uma alternativa às costumeiras injunções contra o "brincar de Deus", mexer com a natureza, alterar nossa essência humana, ou exibir uma húbris digna de punição. (BOSTROM, 2005, p. 2).

O movimento, portanto, se baseia em construções iluministas como "razão" e "progresso" de forma acrítica, sem engajar em problematizações desses conceitos e sem considerar possíveis limites a essa evolução tecnologicamente conduzida. A negação da húbris denota uma despreocupação com determinadas consequências de tais 'avanços' e, sobretudo, uma arrogância de querer discernir e escolher um futuro específico para uma pluralidade de seres. Esse tipo de discurso, apoiado no 'progresso' e na 'razão', Ferrando lembra, "longe de ser neutro, geraria, sustentaria e justificaria desigualdades sociais, discriminações políticas e violência legal"[15] (2019, p.34). Em outras palavras, por não reconhecer e ter um senso crítico em relação àqueles 'desumanizados pelo humanismo', o transumanismo se desenha para repetir o erro do humanismo e, cegado por um novo universalismo tecnológico, perpetuar sistemas de opressão e desigualdades. Isso se verifica nos discursos transumanistas, que asseguram que novas tecnologias serão "amplamente acessíveis", mas não discutem os particulares de como assim torná-las. Ou que prometem ao público geral "tecnologias para eliminar o envelhecimento" sem que haja consideração sobre o que esse tipo de tecnologia significaria para crescimento populacional, recursos limitados e a estrutura econômica de previdência onde jovens apoiam financeiramente os mais velhos (HAYLES, 2011, p. 97).

[15] Todas as citações da página são traduções da autora.

Ainda assim, esse discurso técno-otimista acrítico em diferentes graus, conotações e sabores, aparece em toda parte e parece ser o subtexto de grande parte das discussões envolvendo tecnologia. Então, ao passo em que assistimos a uma "internalização da ação técnica, como se a tecnologia se rebatesse sobre seu agente, como se o espírito se dobrasse sobre si mesmo e se auto-afetasse" (OLIVEIRA, 2003, p. 167), é preciso saber e lembrar que essa ação não é neutra, mas mediada pela cultura e pelo pensamento hegemônico vigente. Se está lançado, como convida o filósofo português Hermínio Martins, o "projeto do 'experimento-sobre-o-Homem', pelo Homem [sic], sobre o seu próprio ser ou natureza (…) Que ocupa enfim um lugar cada vez mais saliente na agenda tecnológica" (SANTOS, 2007, p.54), é preciso entender que projeto é esse e disputa-lo. O transumanismo, enquanto imaginário projeto e promessa, põe no palco, portanto, as difíceis questões do que somos, o que pensamos que somos, e o que estamos nos tornando.

REFERÊNCIAS

BOSTROM, Nick. "A History of Transhumanist Thought." **Journal of Evolution and Technology**, vol. 14, n. 1, Abril 2005. Disponível em: <https://www.nickbostrom.com/papers/history.pdf>

_____. "Transhumanist Values." **Ethical Issues for the 21st Century** (Ed. Fredrick Adams). Charlottesville: Philosophical Documentation Center Press, 2003. Disponível em: <https://www.nickbostrom.com/ethics/values.html>

DAUGMAN, John G. "Brain Metaphor and Brain Theory" **Philosophy and the Neurosciences: A Reader**. Blackwell, 2001.

"Extropy Institue Publications". **Extropy Institute.** Disponível em: http://www.extropy.org/publications.htm

FERRANDO, Francesca. **Philosophical Posthumanism.** London: Bloomsbury Academic. 2019.

FREIND, Tad. "Sillicon Valley's Quest to Live Forever." **The New Yorker.** 27/03/2017. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2017/04/03/silicon-valleys-quest-to-live-forever>

HARAWAY, Donna. "Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective", **Feminist Studies**, *Vol. 14, No. 3.* Feminist Studies, Inc. 1988, pp. 575-599

HAYLES, Katherine. "Wresting with Transhumanism." **H⊥ Transumanism and its Critics.** Philadelphia: Matanexus Institute, 2011.

HIDALGO, Cesar. **Why Information Grows: The evolution of order, from atoms to economies.** New York: Basic Books, 2015.

HUXLEY, Julian. New bottles For New Wine. London: Chato and Windus Ltd., 1957.

JACOB, François. **O jogo dos possíveis. Ensaio sobre a diversidade do mundo vivo**. Lisboa: Gradiva, 1981.

KURZWEIL, Ray. **The Singularity is Near: When Humans Transcend Biology.** London: Penguin Books Ltd., 2005.

_____. **The Law of Accelerating Returns**. 2001. Disponível em: <https://www.kurzweilai.net/the-law-of-accelerating-returns> Acesso em: 31 ago. 2020.

LETTVIN, J.Y; MATURANA, H. R.; MCCULLHOCH, W. S.; PITTS, W. H. "What the Frog's Eye Tells the Frog's Brain." **Proceedings of the IRE**, vol 47, no. 11, pp. 1940-1951, 1959.

MARKOFF, John. "Elon Musk's Neuralink Wants 'Sewing Machine-Like' Robots to Wire Brains to the Internet." **New York Times.** 16/07/2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/07/16/technology/neuralink-elon-musk.html>

MARTINS, Hermínio. **The Technocene: Reflections on Bodies, Minds and Markets**. London: Anthem Press, 2018.

MATURANA, Humberto, VARELA, Francisco. **The Tree Of Knowledge: The Biological Roots of Human Understanding.** Boston: Shambhala Publications, Inc., 1992.

O'CONNELL, Mark. **To Be a Machine: Adventures Among Cyborgs, Utopians, Hackers, and the Futurists Solving the Modest Problem of Death.** Londres: Granta Books, 2017.

OLIVEIRA, Luiz Alberto. "Biontes, Bióides e Borgues", **O Homem-Máquina: A ciência manipula o corpo.** (Org.) NOVAES, Adauto. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003.

PETERS, Tim. **PEP 20 — The Zen of Python.** 22/08/2004. Disponível em: <https://www.python.org/dev/peps/pep-0020/>

SANTOS, Laymert Garcia dos. "Humano, Pós-humano, transumano", **Mutações: ensaios sobre as novas configurações do mundo.** (Org.) NOVAES, Adauto. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

SAPOLSKY, Robert M. **The Trouble with Testosterone and Other Essays on the Biology of the Human.** New York: Scibner, 1997

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano.** São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

TIROSH-SAMUELSON, Hava. "Transumanism in Context." **H⊥ Transumanism and its Critics.** Philadelphia: Matanexus Institute, 2011.

"Transumanist Declaration." **Humanity+.** 1998. Disponível em: <https://humanityplus.org/philosophy/transhumanist-declaration/>

TITCOMB, "James. Elon Musk: Become cyborgs or risk humans being turned into robots' pets." **Telegraph.** 02/06/2016. Disponível em:< https://www.telegraph.co.uk/technology/2016/06/02/elon-musk-become-cyborgs-or-risk-humans-being-turned-into-robots/>